

**Tendências do indivíduo contemporâneo no conto *Os que passam por nós correndo* de Franz Kafka: contribuições da Teoria Crítica da Sociedade**

Juliana de Castro Chaves

Cultura e processos educacionais

Este trabalho pretende levantar discussões a cerca de algumas tendências do indivíduo contemporâneo apresentadas no conto “Os que passam por nós correndo”, de Franz Kafka. As análises realizadas foram suscitadas pelas discussões realizadas com Raphael Augusto Oliveira Barbosa, aluno, participante do grupo de estudo Educação e Emancipação, realizado em 2008/2009 na UEG–UnUCSEH. O objetivo desse grupo de estudo foi realizar a reflexão crítica sobre a formação do indivíduo na sociedade regida pelo capitalismo atual com o intuito de compreender tanto a racionalidade predominante na sociedade, como as suas contradições. As discussões advindas desse debate foram aprofundadas gerando esse trabalho.

A base teórica que sustenta a análise desse artigo é a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, representada pelos teóricos Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin. A apropriação que esses autores realizam da literatura e, mais especificamente de Franz Kafka, não é baseada em uma relação instrumental, mas em uma relação de diálogo no qual o pensamento do autor é trazido ao debate por revelar elementos da questão problematizada. Nesse sentido, as idéias de Kafka, Allan Poe, Homero dentre muitos outros, são abordadas por auxiliarem a problematização das temáticas levantadas pelos autores.

O micro conto de Kafka “Os que passam por nós correndo” revela alguns elementos que indicam a vida danificada do indivíduo na sociedade contemporânea. O conto é curto e apresenta uma descrição objetiva, sem dramaticidade e nem adjetivação inútil. A trama, se despida de espetáculo, embora as coisas sejam fortes e repletas de sentido (Bressane, 2003). Seus personagens revelam fundamentos da razão subjetiva, da sociedade Administrada e/ou totalitária que se eleva diante do indivíduo, da apatia, do medo, do tédio, da alegria baseada na meta negativa tão bem apontada por Freud e da curiosidade pautada no sadomasoquismo.

Ao mostrar a deformação do indivíduo em uma arte feita de remendos do cotidiano das pessoas, Kafka não reivindica uma verdade única, mesmo que apresente o seu texto como completo, por isso os seus contos instigam uma certa inquietação. Podemos dizer a partir de Kant que a obra de Kafka não é completa, mas se revela inteira. Ela provoca sentidos não cristalizados e, exatamente por isso, pode provocar a não-conformidade.

Então vamos à discussão dos elementos do indivíduo contemporâneo que estão presentes nesse conto:

A sociedade atual é marcada pela presença da razão subjetiva, instrumental e pragmática que dificulta a reflexão crítica sobre a realidade. A razão é subjetiva porque ao se exercer perde a relação com a objetividade e fica alocada no sujeito; ela é instrumental porque vira um procedimento, se exerce com um método que a aprisiona, uma técnica que não é refletida, e é pragmática porque tem que ser prática, útil e funcional. Horkheimer (2002) apontou esse movimento em sua obra “Eclipse da razão” ao ressaltar que a razão tão sonhada da modernidade perdeu o seu verdadeiro fim. A razão deixou de refletir sobre a finalidade da vida, sobre as possibilidades de liberdade e de felicidade, sobre o quanto se tornou aliada da dominação e se reificou. Horkheimer e Adorno (1985), na “Dialética do Esclarecimento” também discutem como o esclarecimento virou mito que propaga o sofrimento, o sacrifício e a dominação. O indivíduo racional da modernidade surgiu na tentativa de livrar o homem da submissão vindoura, no entanto, essa promessa não foi cumprida.

Ao analisar a história percebemos que a sociedade atual resguarda e consolida a razão funcional adaptativa que se concretizou na modernidade. Somos chamados a dar opiniões e a decidir sobre diversos assuntos, em momentos diferenciados em um tempo cada vez mais subtraído. Esse movimento nos torna verdadeiros especialistas em generalidades. O pensamento lógico formal que realiza hipóteses e conjecturas é predominante. Temos que realizar atividades bem planejadas para se chegar a um fim, sem que esse fim seja refletido. Não é que o indivíduo não pense. Muito pelo contrário, nunca se exigiu tanto que o indivíduo encontre soluções criativas e antecipadas para as problemáticas. “Em Kafka, o golpe do esclarecimento é mostrado quando ele revela o “é assim”. Ele relata como as coisas acontecem de verdade sem

qualquer ilusão a respeito do sujeito” (Adorno, 2001). O personagem de Kafka exerce esse pensamento automático e criativo quando aponta motivos para a corrida do homem na rua: será que alguém corre atrás dele? “Talvez ambos persigam um terceiro, talvez o primeiro seja perseguido inocentemente, talvez o segundo queira matar ...; talvez os dois não saibam nada um do outro e cada um corra por conta própria para a sua cama, talvez sejam sonâmbulos, talvez o primeiro esteja armado.” Essas indagações mostram que há um pensamento que imagina causalidades para a corrida do homem, no entanto, as hipóteses são abandonadas e substituídas por outras que se acumulam não havendo análise de nenhuma delas. Não há contato e nem julgamento, mas uma apreensão superficial do fenômeno, um conhecimento que se assemelha ao dos viajantes “que, no trem, dão nomes a todos os lugares pelos quais passam como um raio” (Adorno, 1996, p. 405) acreditando que conhecem cada lugar nomeado.

Além do exercício da razão empobrecida, a apatia do indivíduo diante das condições reais também está presente no conto. A apatia e o medo fazem com que o personagem deixe a vida continuar o seu curso. “Um homem passeia a noite e a rua sobe e se eleva a sua frente”. Kafka indica a passividade do indivíduo diante das determinações concretas da rua e da noite de lua cheia. Não podemos fazer nada se as determinações objetivas não nos oferecem alternativas. Quem já não ouviu expressões como: tudo isso é difícil de mudar, sou pequeno diante dessa situação, não dá para fazer nada. A apatia é expressa quando observamos o homem correr na nossa direção e não fazemos absolutamente nada. “Nós não vamos agarrá-lo mesmo que ele seja fraco e esfarrapado, mesmo que alguém corra atrás dele gritando [...] vamos deixar que continue correndo. Pois é noite e não podemos fazer nada.” Aos olhos de um homem apático, tudo se torna irremediavelmente estabelecido e, por isso, difícil de ser mudado. Qualquer movimento, seja o mais ínfimo, se este exigir reflexão já se torna pesado, dispendioso e perigoso. O cansaço do homem parece ser, como afirma Kafka: “o de um gladiador depois do combate”. O cotidiano já é suficientemente pesado, nem precisam sustentar o globo terrestre (Benjamin, 1994).

Kafka chama o leitor a se indagar sobre a apatia do personagem quando o apresenta sem certezas e sem verdades absolutas. O próprio personagem se

apresenta em conflito. Ele tenta se safar da culpa pela apatia com indagações que ele mesmo não consegue responder: “não temos o direito de estar cansados, não bebemos tanto vinho?” Kafka deixa que os limites da incompreensão dos indivíduos sobre o seu movimento pouco a pouco se tornem evidentes e nós nos perguntemos porque realmente aquele homem corre? Porque o homem que vê o outro correndo não faz nada? O conto é isso. Ele acabou? Fica um verdadeiro mal estar.

A apatia e a fragilidade do indivíduo se manifestam concomitante a uma racionalidade bem organizada que administra a sociedade. O elevado da rua sobre o homem, sobre nós, é colocada por Kafka e nos invade deixando clara a idéia de sociedade administrada que se apresenta como única forma de existir e convida todos a participar dessa lógica (Horkheimer e Adorno, 1985). A sociedade administrada é uma sociedade total, marcada pela socialização radical do indivíduo que só se identifica consigo mesma e que engloba todas as relações e emoções.

A curiosidade ligada ao sadismo, discutida em Freud, em “Além do princípio do prazer” (Chaves, 2008) é outro elemento presente no desvelar de possibilidades de desfecho para os homens que correm. “Talvez o primeiro seja perseguido inocentemente, talvez o segundo queira matar o primeiro..”. Podíamos dizer: “Que bom que não sou eu que está sendo perseguido”. Há um certo prazer naquele que procura ver um acidente mesmo tendo pavor a sangue. “Que alívio, não é ninguém da minha família ou não foi tão cruel assim, podia ter sido pior”. A desilusão é o preço pago pelo desejo de saber. Ao mesmo tempo, não podemos esquecer que o sadismo é parceiro indissociável do masoquismo.

A alegria, resultado da hipótese de que quem corre talvez possa estar se divertindo, também é requerida por Kafka quando há o interesse de compartilhar uma possível aventura. “Talvez esses dois tenham organizado a perseguição para se divertir.” Quem sabe se eu correr eu também possa me divertir? Que bom se pudéssemos cavalgar como os índios, sem rédeas, mas essa expectativa logo, logo é frustrada e a alegria se torna fortuita, pois diante do imprevisto, melhor é a segurança de não mais vê-los correr. Freud (1997), em “Mal estar da civilização”, mostra o quanto nós funcionamos pela meta

negativa que intenta evitar o sofrimento e procura o alívio afastando o perigo. A meta negativa propicia maior segurança e provoca menos risco de desprazer. Isso tudo acontece porque a ameaça, que poderia ter sido diminuída na nossa civilização, é naturalizada e continua a existir, e como afirma Freud, diante da ameaça o “homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (Freud, 1997, p. 72). Ficamos no sofá, é mais seguro.

Nesse momento, o tédio da falta do que poderia ter sido se instala. O **tédio** é o reflexo do cinza objetivo” (Adorno, 1995, p. 76) e expressa a vida danificada: “Se as pessoas pudessem decidir sobre si mesmas e sobre suas vidas, se não estivessem encerradas no sempre-igual, então não se entediariam” (Adorno, 1995, p. 76). O tédio e a apatia assemelham-se pela íntima relação que apresentam com a impotência.

Nesse contexto em que as condições objetivas cada vez mais propiciam uma vida mutilada se instala o medo. Ninguém, nem mesmo os que se encontram no topo – pode sentir-se seguro: é a democratização da ameaça. O medo de se tornar cúmplice do crime imaginado, de que o homem que corre carregue uma arma nos faz deixar que os acontecimentos imaginados sigam o fluxo do seu destino. “Talvez o primeiro seja perseguido inocentemente. Talvez o segundo queira matar e nós nos tornemos cúmplices do crime.”

Esse movimento termina mutilando a experiência (Benjamin, 1962/1983a) e, conseqüentemente, o intercâmbio das experiências se ver prejudicado, pois ninguém mais quer narrar o aprendido. Essa comunicação se torna ultrapassada. Ninguém tem mais tempo, pois se multiplicam as informações úteis e efêmeras. O contato fortuito e efêmero consigo e com o outro e a relação coisificada na qual o outro é importante por oferecer algo no mercado de trocas é o que é fundamental. A narrativa, ponte entre passado e presente, desaparece e com isso desaparece o narrador que deixa os traços, os rastros do seu conhecimento no ouvinte (Benjamin, 1962/1983b). Sem experiência a reflexão fica dificultada e a possibilidade dos indivíduos atribuírem sentidos diferentes ao vivido também. De acordo com Benjamin (1962/1983a), aviltada a experiência resta-nos a vivência, que seria a tentativa de se viver aquilo que não foi vivido.

Por todas essas questões, o conto de Kafka se abre à experiência em suas transformações no momento que tece novas histórias e afeta aquele que escuta. Kafka não cedeu à sedução do mito ou ao canto das sereias. Seu olhar dirigido a um horizonte distante faz do cotidiano uma verdadeira saga.

Ao enfatizar elementos da narração que resgatam o contato com o objeto e com a abundância de imagens e de sentidos, Kafka possibilita certa inquietação necessária ao inconformismo. Ao expressar a literatura dessa maneira, ele mostra a potência da arte negando a massificação da indústria cultural e a preguiça intelectual. Ele aponta o terremoto sem indicar como resolver a catástrofe. Representando essa tensão, esse conto rompe com os sentidos universais e absolutos. Segundo Benjamin (1962/1983a, p.52) a arte pode ser vista como a possibilidade de provocar a verdadeira experiência em contraste com a que se decanta na vida padronizada das massas civilizadas. Ao realizar esse movimento o conto de Kafka, sendo tão pequeno, é tão grande e potente e oferece elementos de resistência à dominação e, possivelmente, maior possibilidade de transformação das condições objetivas que trazem sofrimento, sacrifício e medo ao indivíduo.

### **Referência Bibliográfica**

ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. Educação & Sociedade, Campinas-SP, ano 17, n. 56, p. 388-411, dez. 1996.

ADORNO, Theodor W. Anotações sobre Kafka. Prismas: crítica cultural e sociedade. Tradução de Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 2001. p. 239-270.

ADORNO, Theodor W. Educação & emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. Textos escolhidos. Tradução José Lino Grunnewald et al. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983a. p. 29-56. (Coleção Os Pensadores).

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. Textos escolhidos.

Tradução José Lino Grunnewald et al. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983b. p. 29-56. (Coleção Os Pensadores).

BENJAMIN, Walter. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 137-164. (Obras escolhidas, v.1)

BRESSANE, R. O primeiro Kafka. In Lacerda, Rodrigo. Franz Kafka. São Paulo: Duetto Editorial, 2003.

CHAVES, Ernani. As aventuras do Barão de Charlus: filosofia, literatura e psicanálise em Walter Benjamin. In Benjamin pensa a educação. Revista Educação: Anatec publicações especializadas, 2008.

FREUD, Sigmund. O mal-estar da civilização. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund. Princípio do prazer Rio de Janeiro: Imago, 1997a.

HORKHEIMER, Max. Eclipse da razão. Tradução Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

KAFKA, Franz. Contemplação; e o fogueira. Tradução e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional. Tradução Giasone Rebuá. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARCUSE, Herbert. Razão e revolução. Tradução Marília Barroso. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.